

O ESPOZENDENSE

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Este n.º foi visado pela censura

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Eiras.—Editor—José da Silva Vieira Junior. Comp. e impressão.—Typ. Espozendense—Espozende

Assinatura: Anno, sem estampilha 10\$00 esc.—Com estampilha e para fóra 12\$00 e c.—Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs.—Colonias Portuguezas, 25\$000 rs.—Numero atrasado 1\$00—Pagamento adiantado. Redacção e administração—Rua Veiga Beirão, 7 a 9—Espozende.

Anuncios: Judiciaes: linha de esp. de linha 1\$00 cent.—Anuncios particulares: linha \$70 Comun. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação. 15 c.—Reclames e obras literarias mediante dois exemplares. Não se restituem originaes não publicados.

* * * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * * *

Cronica do Porto

Um ninho de amor desfeito pelo temporal.

Longo tempo andaram a amealhar quanto sobrava das reduzidas despesas dos exiguos salarios.

A Rosaria trabalhava como fiandeira; o Arlindo prestava serviços nos armazens da Ribeiras, ajudava ao descarregamento das barcaças, pesadas de generos que abastecem a cidade—bôca escancarada que tudo devora.

Viram-se uma tarde, em que a rapariga foi até á ponte, com as companheiras, esperar osromeiros, que vinham da Serra do Pilar.

Esse primeiro encontro, despertou as suas almas, virgens de sentimentos amorosos, para uma vida mais ditosa, a cruz da vida arrastada em comum, santificada pela Igreja.

Economisaram avarentamente para comprar uns modestos moveis e louças indispensaveis; prepararam os enxovais, despesas do matrimonio e guardaram algum dinheiro para os primeiros gastos, posto, que, a lua de mel, entre as classes trabalhadoras, seja interrompida pela faina de todos os dias.

Corações cheios de esperança, foram habitar um casebre, defunado, por fóra; por dentro, caiado de branco, pelo Arlindo; arrumada pela Rosaria, soalholado, ambiente de ternura, um ninho suave de amor, que faria inveja a muitas titulares, envolvidas em magnificente luxo solarengo, onde vegetam sem uma afeição sincera, batidas pela desventura.

Essa mansarda, dividida em tres compartimentos—uma salinha, um quarto e cosinha—ra perto da beira-rio. O Arlindo, duplicava o seu esforço, para, co-

mo homem brioso, prover ás necessidades do casal, sem o auxilio da Rosaria, que não deixou continuar na fábrica.

A—pesar—de pobres, nem ralhos, zangas ou amuos, empanavam aquele cenáculo de paz.

Compreendiam-se maravilhosamente, embora os cerebros, incultos, e os espiritos rudes, sem o esnilte da instrução.

Não conheciam lautos banquetes; nunca saborearam opiparos manjares; mas, como o lar era banhado de alegria a grosseira tigela de caldo, as sardinhas assadas e a dura boroa, tinham o requintado gosto de picantes iguarias.

Não possuíam rádio, para ouvirem admiraveis concertos mundiais; no entanto, nas horas de descanso, uniam as vózes bem timbradas e ambos entoavam as canções predilectas mais em voga.

A Rosaria não tinha desgosto de não vestir de seda, renda, veludo ou peles. O affecto acrisolado do companheiro, tornava relusente a chita; confortavel o riscado; macia a estôpa; e a flanela, quente como autentico «renard» ou custosa «zibeline».

Renunciaram aos divertimentos, que os obrigasse a dispender dinheiro, resumindo todas as aspirações em proporcionar, mutuamente, reciproca, e duradoira felicidade.

Nada faltou para tornar mais solida aquela cadeia de affectos: Do ceu veio como presente, um anjo loiro, enlevo de seus pais, que sonhavam para a linda creancinha, um futuro ridente, amparado pela ventura.

E a choupana defumada, carunchosa, carcumida de velhice, era um palacio em festa, porque, lá dentro, reinava, soberano, ha um lustro, sua Magestade, elrei Amor...

Foi este ano na segunda quinzena de Janeiro sob um temporal inclemente, que se deu a espantosa tragedia seguida de doloroso lance dramatico.

A chuva em torrentes caudalosas, a ventania sibilante ameaçava levar tudo pelo ar. O

rio Douro que, desde Dezembro, aumentava de volume, elevou-se a cima do cais, e esprou as aguas até á entrada da rua de S. João.

O Arlindo, impossibilitado pela cheia de mourejar, acolheu-se á casa risonha, plena de carinho. Amimava a pequena Maria e bem dizia a sua adorada Rosaria, que governada e previdente, poupava para terem, certo, o parco alimento nestes dias maus, vassios de trabalho.

Lá fóra a ventania, ululava imprecações, desejosa por desfazer o conforto mediocre daquelas almas, que, sem ambições nem anseios exagerados, viviam contentes.

Que importava ao marido e pai affectivo, o dueto fantastico da chuva e do trovão, se ao alcance dos seus braços protectores, estavam os dois entes que mais idolatrava?

Uma manhã levantou-se cedo. O rio baixára alguns centimetros. Fustigado pela tempestade o Arlindo saiu.

Foi ver se poderia voltar á aspérrima tarefa, garantia do pão quotodiano.

Momentos após, o velho casebre, onde a Rosaria e a filhinha ficaram agasalhadas, era fortemente abalado até aos frágeis alicerces pela impetuosidade dum furacão. E repentinamente, sem ninguem o poder prever, abateu com ruido sinistro e sobre ele, desabou, fragoroso, um alto muro a que a casita se encostava, e tudo derruiu numa rajada satânica de furia e de morte.

Fui ontem á Ribeira passear e colhi estas tristes notas de reportagem.

O Douro está no seu leito, mas muito acima da altura natural, transbordante.

No cais, assoreado pela areia a garotada remexe-a desenterrando grande quantidade de figos, caídos dum barca que veio do Algarve e ali se voltou, conservando-se amarrada, na mesma posição invertida.

—Quer ver a derrucada? Diz-me um rapaz a quem pedi informações.

—E' perto... para lá das es-

cadadas do Codeçal...

Segui o caminho indicado. Queria ver o lugar maldito, as pedras assassinas, que esmagaram duas vida e lançaram notar nas trevas da loucura.

Contemplei, com horror, o tosco amontoado de granito. Terra em promiscuidade com fragmentos de mobiliario, roupa, cacos, que, irreverentes picaretas remexiam, e senti um calafrio arripante.

Em volta das ruinas do seu ninho d'amor, vagueava como sonambulo, o Arlindo, corpo sem alma que o tufão ciclopico da desgraça transformara num farrapo humano.

LEVY.

CONTORNANDO A LITERATURA

VII

Rápidas considerações acêrca de Gil Vicente

As obras de Gil Vicente costumam-se agrupar, quanto á linguagem e quanto ao assunto. Quanto á linguagem, dividem-se em obras escritas em português, escritas em espanhol e ainda nas duas linguas, conhecidas por *bilingues*. Quanto ao assunto dividem-se em obras de caracter hieratico ou religioso, aristocratico e popular, constituindo tragi-comedias, comédias, autos e farsas. Gil Vicente por compor muitas obras, fez sempre a ideia de que algumas não fossem da sua autoria. Perante tal insinuação, Gil Vicente pediu que lhe apresentassem um *note*, para sobre ele fazer uma obra. Tendo-lhe sido apresentado o provérbio: «antes quero asno que me leve, que cavalo que me derube», realizou a farsa «Inês Pereira» curiosa comedia cujas figuras conservam ainda hoje toda a frescura.

Não foi esta a unica critica que Gil Vicente teve de suportar.

Acusaram-no tambem de hereje, por haver sempre ridicularizado os membros do clero e a sua sátira se estender mesmo a Roma.

Estas beliscadelas, natural-

mente trouxeram-lhe a má vontade do clero, e este aproveitou o primeiro pretexto para o acusar severamente, quando ele não acreditou que um terramoto era uma maldição de Deus. Procurando defender-se da acusação de herético, escreveu a sua obra admirável o «Auto da Alma» revelador dum conhecimento mais que vulgar das coisas da Igreja, e uma perspicaz habilidade para criticar este ou aquele. Vários escritores, depois de terem lido o «Auto da Alma» de Gil Vicente, consideram semelhantes as almas, que aparecem nos livros celebres de Goethe—«Margarida» e «Fausto». Mais e muito mais haveria para se dizer acerca de Gil Vicente, mas o tempo e o espaço está-nos a faltar, motivo por que agora passamos a vista sobre o Teatro Nacional.

Espozende—1936.

Domingos Gomes

ESPOZENDE

HA CINCOENTA ANOS

NOTAS A LAPIS

(Continuação do numero 1.423)

AS TRADIÇÕES

Ora a tradição que nos passou dos dominadores Romanos, já não foi tecida pelas mãos purificadas das vestaes; mas desfolhada das corôas das sacerdotisas de Bacho, no correr do saracoteio das danças lúbricas, acompanhadas de avinhadas canções. Tal nas nossas «Fogueiras»; se a rama e achas dos pinheiros rezinosos avermelham o espaço e dão rubido sangue ás faces das raparigas, incendeiam a volutuosidade nos meneios, acendem desejos no apêrto dos braços, escaldam corpos nos beijos a furto e requeimam vergindades, nos segredares de amor. As infusas e canecas, se se avermelhantam do rascante verdasco, é para leval-a a lambuzar de zarcão as bocas dos dançadores; a soprar nas flautas e requintas; a zangarrear nas banzas; a entumecer as harmónicas; a espremer estalidos nas palmas e no sapateado; a erguer bérros nas cantigas onde péca a rima entre o mais pecaminoso-sentido.

Por isso, quando nas nossas ruas passamos pelas «Fogueiras» ou entramos no seu fogoso rodado, pelas noites de Santa Isabel e S. João, ou em outras se alguém paga a incitante pingui-nha e a lenha concomitante, nós temos ante os olhos, esbatendo-se no cenário ambiente, as festas bachicas da Roma antiga, onde, se não aparece o nú dos corpos, se desnuda a atração dos se-xos nos olhos incendiados, nas bocas hiantes, no expremido em-

pernar e no ordenhamento concupiscente dos palpitantes seios feminis...

As «MAIAS» transladadas para as nossas janelas, a adorná-las com perfumados ramalhêtes e, noite alta ao fazer-se a passagem para o mês das flores, pelos namorados babosos furtivamente arrebatada, já soerguidos nos hombros de companheiros complacentes, já fazendo acrobacias melindrosas—lembram as oferendas á mãe do deus Mercurio, também protector dos ladrões...

O Carnaval com as suas mascaradas, passou ao paganismo a-travez das idades, pois entre os selvagens, ainda hoje no estado primitivo, se foram encontrar os seus feiticeiros e sacerdotes com horripilantes mascaradas afiveladas ao rôsto, no preparar dos seus sortilégios, ou no propiciar ao tabú da religião ou totem da tribu.

O Christianismo em seu advento, não derribou no todo os deuses e idolos, nem pode cobrir com a samarra rustica, pisar com as sandálias de mendicante a afugentar com bordão de peregrino—os loucos e imponentes cortêjos da alegria paga. E deve o propagar o seu credo mundo fóra, por haver-se apropriado deles, dando-lhes entretanto uma maneira mais vestida e menos descarada; menos libertina e mais acessível, visando assim domar uma sociedade já acostuada ou nascida no apogeu ou na decadencia da civilização greco-romana

(Continua)

Luiz Viana.

FRAGMENTOS DE LITERATURA

Salvamento mutuo

(continuação do n.º 1423)

Observava também o movimento extraordinario da principal arteria de Liverpool, interessante, para mim, que pela primeira vez, desembarcava nesse porto, co no passageiro em transito, do Lipari.

E completava a distração, dirigindo em surdina, madrigais ás encantadoras «misses», que passavam a meu lado com tentação diabolica, quando avistei a figura imponente de John, acompanhado da bonequita animada, grandiosa e esbelta-Mary.

Com uma alegre interjeição, administrativa, abraçamo-nos e logo se iniciou uma conversa jovial, animada, relembrando peripécias e episodios da tragedia maritima em que todos, sem excepção, foram herois... salvando-se!...

Com a verbosidade propria das pessoas felises, John reven-do e analisando o passado veio

ao encontro da minha curiosidade, relatando o final da sua odisséia.

Foram encontrados por um barco espanhol, que, depois os passou para um paquete ingles, onde, com outros naufragos, estava o pai de Mary.

Em Londres correu varios tramites um processo em que foi provada com irrefutaveis argumentos a pouca segurança do navio e portanto, a inculpabilidade do comandante.

Confessou, ainda, que, apesar de retrogrado ao casamento se apaixonou por Mary, ideal perfeito de mulher amada, prendendo-se, sem sacrificio, nas apertadas malhas do matrimonio.

E asseverou sincero:

—Sou muito feliz, já não desejo morrer... Na hora atribulada do naufragio, salvando-a, foi Mary quem me salvou a vida.

Sorridentes, olhos faiscantes de ventura, o casal ditoso, sem exagerados protocolos, levou-me a visitar o novo transatlantico que John era comandante.

A. F.

Fim.

NOITES DE INVVERNO

Adivinhas em prosa

(Continuação)

- 41 —Qual é a coisa que quanto mais se lhe tira maior fica?
- Uma cova. (1)
- 42 —A coisa que quanto mais tem menos pesa?
- O fato com buracos.
- 43 —A coisa que quanto maior é menos se vê?
- A escuridão.
- 44 —A coisa que quanto mais rôta está menos buracos tem?
- Uma rede.
- 45 —A coisa que quanto mais alta está melhor se lhe chega?
- A água do poço.
- 46 —A coisa que quando a deitam fica em pé?
- A ferradura.
- 47 —A coisa que não chega quando se estende e chega quando se encolhe?
- O braço, quando a mão houver de tocar na cabeça.
- 48 —A coisa que cabe na mão e não cabe numa tulha?
- A vara de arrelhada.
- 49 —A coisa mais alta que Deus?
- A Árvore da Cruz.
- 50 —A que todos os dias varre o céu?
- A lingua.
- 51 —A que está no meio do Mar e no fim da Terra; e não se vê no mundo?
- A letra a.
- 52 —As coisas que andam sempre de cabeça para baixo?

- As brochas do calçado.
- 53 —Diga-me o que está antes do principio.
- O *sicut erat* (*sicut erat in principio...*)
- 54 —Às direitas é mulher; ás avessas animal.
- Eva e ave.
- 55 Às direitas é mulher e às avessas também o é.
- Ana.
- 36 —É do tamanho dum boi e cabe no ninheiro duma galinha.
- Um pote.
- 57 —Sobe oiteiros e desce oiteiros, e sempre a vemos no mesmo lugar.
- Uma estrada.
- 58 —Há quatro irmãs que correm umas atrás das outras, e nunca se abraçam.
- São as velas de um moinho.
- 59 —Qual é o animal que, emquanto vivo é macho, e depois de morto é fêmea?
- O boi.
- 60 —E o que puxa um carro e vai dentro dele?
- O caracol.
- 61 —O meu cantaro estava vazio; encheu, e agora pesa menos.
- Encheu-o de buracos.
- 62 —Quando não tenho água bebo água; quando tenho água bebo vinho.
- Dito dum moleiro de azenha.
- 63 —Dois irmãos; filhos da mesma mãe; um vai à missa e o outro não.
- O vinho e vinagre.
- 64 —Dois animais: um anda pouco e outro nada. Aquele é um caracol; e este?
- Este é um peixe.
- 65 —Há uma mãe com sete filhas, uma delas é falta e outra é santa.
- A Quaresma e suas semanas, particularizando se a primeira e última.
- 66 —Passei por cima da nossa avó e entrei dentro da nossa mãe para ver o nosso Pai.
- A terra, mãe do pai de nós todos (Adão), é nosso avó; nossa mãe é a Igreja; e nosso Pai é Deus-Nosso-Senhor
- (Continua)

NOVIDADE

ESPOZENDE

ATÉ 1258

por

Baptista de Lima

Divagações históricas, 1 vol. de 72 páginas, 3 escudos. Pelo correio 3\$30

Edição da Livraria ESPOZENDENSE—Espozende, a quem devem ser feitos os pedidos. A' venda na Papelaria Miranda, Largo da Colçada, BARCELOS.

A Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira

O presente fasciculo da Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira, XI da ordem e penultimo da serie que forma o I volume, merece-nos as referencias elogiosas de sempre que não só abrangem a perfeição gráfica da obra, a belesa dos *ors textos* e a profusão de gravuras, mas também a forma como são tratadas as diversissimas materias contidas no texto.

Das gravuras que em separata o texto merecem uma especial menção as que reproduzem antigas «armaduras» (uma delas a cores) e são copias de magnificos exemplares escolhidos entre o que de melhor possuem os museus.

Na parte propriamente enciclopedica é de notar a profusa enumeração das aldeias etc., a noticia geneologica dos marqueses de Alegrete o completissimo vocabulario português; os artigos sobre medicina, ciencias exactas etc.

Em artigos mais longos vemos salientar um magnifico estudo coordenado pelo prof. Gonçalves Pereira, sobre a Alemanha antiga e moderna nas relações com Portugal através os tempos, sua literatura, musica, filosofia, e civilização, bem como a acção dos alemães em Portugal e sua actividade na nossa historia economica e politica. Sobre o Alentejo insere também este fasciculo um magnifico estudo do Dr. Celestino David noticia completa da vasta provincia portuguesa com a sua geografia, historia, dados etnograficos e economicos a cargo do Dr. Antonio Sergio, tem o interesse e o relevo que a sua pena sabe dar a estes assuntos.

Quasi a fechar o seu primeiro volume com uma pontualidade de publicação rarissimas vezes atingida em obras deste vulto a Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira já amplamente conquistou a confiança do publico e o aplauso dos estudiosos.

Nesta vila assina-se na Livraria Espozendense—Rua 1.º de Dezembro 7 a 9, sem aumento de custo, nem porte do correio.

Em Lisboa

Esteve em Lisboa, ha dias, a tratar de negocios importantes para o nosso concelho, o ex.mo snr. Presidente da Camara, P.e Manoel de Sá Pereira, regressando já a esta vila.

Vimos entre nós na ultima 4.ª feira, o snr. João Luiz Ferreira, importante industrial da vizinha cidade de Barcelos.

Desastres de automoveis

O «Diário do Governo» publicou, pelo Ministério do Interior, uma portaria em que ordena aos directores ou dirigentes dos hospitais ou estabelecimentos similares, dependentes ou não de organismos do Estado, onde se colham ou recebam tratamento quaisquer sinistrados por accidentes com veiculos automoveis, que participem á Administração do Concelho, dentro do mais curto prazo, a admissão do individuo sinistrado, fornecendo ácerca do accidente todas as informações que for possivel prestar, em obediencia ao decreto n.º 18.405, de 31 de Maio de 1930. Tenham cuidado os chauffeurs com as corridas vertiginosas, porque o Governo, a reclamação da Assembleia Nacional, está na disposição de proceder com todo o rigor sobre os accidentes, desastres ou occorrencias relativas ao transito de automoveis, por culpa dos condutores.

Semana Santa

Um grupo de amigos desta vila, no empenho de não deixar cair no esquecimento as nossas mais religiosas tradições, resolveu, apesar da terrivel crise monetaria que atravessa, realizar no presente ano as solenidades da Semana Santa para o que já se trabalha activamente, e cremos bem que a comissão ha-de lograr os seus desejos.

É dever de todos ajudar a Comissão que tão bairrista metteu hombros a esta tarefa tão ardua nos tempos calamitosos de crise que atravessamos.

Nova Alfaiataria

Na antiga casa da Padaria Fernandes, na rua 1.º de Dezembro, abriu ultimamente uma bem montada officina de alfaiataria, o sr. Antonio da Costa Ferreira, desta vila, onde confeciona para senhoras, homens etc., com todos os requisitos da arte, pela ultima moda e á vontade do frégues.

Chamamos a atenção do publico para esta officina.

Enfermo

Tem obtido sensiveis melhoras aos seus padecimentos, o sr. Firmino Clementino Loureiro, desta vila.

Estimamos .

Tambem tem passado ha tempos incomodado, aguardando o leito, o nosso velho e simpatico amigo, rev. padre José Pereira da Costa Lima, muito digno abade de Belinho, fazendo votos pelas suas melhoras rapidas.

O Tempo

Tem continuado invernoso e com fortes rajadas de vento, sendo por vezes acompanhado de fortes trovoadas.

Os caminhos, as estradas e os campos estão enxarcados, tendo as chuvas causado muitos estragos. As linhas electricas e telefonicas tem sido por vezes derrubadas.

Vimos nesta vila, no ultimo domingo, de regresso de sua quinta na freguesia das Marinhas, dando-nos a honra da sua visita, o snr. Dr. Anibal Neto, illustre clinico na cidade do Porto.

MILHO

O inverno rigoroso e prolongado, que há mais de 3 meses nos vem flagelando, estragou muito milho retido nos espigueiros e até algum guardado nas caixas, por mal condicionado ou sem a seca precisa. Tem aparecido desse milho nas feiras, o que fez baixar o preço da venda. Acautelem-se os consumidores na compra do milho, devendo examiná-lo bem, antes de o adquirir, para não perderem as fornadas. Nos sacos, aparece milho bom por cima, mas deteriorado no fundo. Era bom haver rigorosa fiscalização nos mercados, para não se vender milho impróprio para consumo.

Para o Porto, onde fixou residencia, partiu desta vila na ultima quarta-feira, o snr. Tenente reformado Jaime Olimpico e sua familia, que aqui residia ha alguns anos.

Falecimento

Na ultima quinta-feira, depois das 12 horas, faleceu nesta vila, o snr. P.e Francisco Martins Giesteira, de 70 anos de idade.

O bondoso P.e já de ha tempos vinha sendo dominado por um padecimento do coração.

O seu funeral realizar-se-há hoje pelas 10 horas.

Paz á sua alma.

A todos os seus o nosso sentido cartão de pesames pelo infausto acontecimento porque acabam de passar.

Comarca de Espozende

ARREMATACAO

(1.ª praça)

No dia oito de Março proximo, pelas 10 horas, á porta do Tribunal, na execução que o Ministerio

Publico move a Luís Augusto Peres Felipe, casado, de Curvos, se hão-de arrematar em hasta publica, e pelo maior preço oferecido sobre a sua avaliação os bens seguintes:

Movéis

- 1.º—Uma meia comoda de castanho que vai á praça por oitenta escudos 80\$00
- 2.ª—Um oratorio com uma Cruz e um crucifixo, vai á praça por duzentos e vinte escudos 220\$00
- 3.ª—Uma cama de ferro, vai á praça por vinte escudos 20\$00
- 4.ª—Uma caixa de pinho, vai á praça por dez escudos 10\$00
- 5.ª—Uma comoda-Secretaria, em mau estado, vai á praça por vinte e cinco escudos 25\$00
- 6.ª—Uma vasilha de eucalipto, vai á praça por vinte escudos 20\$00
- 7.ª—Um tronco de eucalipto, vai á praça por cem escudos 100\$00

Imoveis

- 8.ª—Uma leira de mato no Soarge, logar de Frossos, Curvos, vai á praça por duzentos e cinquenta escudos 250\$00
 - 9.ª—Uma leira de mato nas Barreiras, Frossos, Curvos, vai á praça por cem escudos 100\$00
 - 10.ª—Uma leira de lavradio, com arvores, na Bouça Redonda, Curvos, vai á praça por mil quatrocentos e vinte escudos 1.420\$00
 - 11.ª—Uma leira de lavradio nas Travessas, Abelleira, Curvos, vai á praça por oitocentos e quarenta escudos. 840\$00
- Pelo presente são citados todos os credores incertos.

Espozende, 8 de Fevereiro de 1936.

O Juiz de Direito, J. Cámeira.

O chefe da 1.ª Secção, Antonio Alves Cunha.

Conquistador

O melhor papel para cigarros Vende-se na HAVANESA

